

A HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA NA BAHIA (DADOS DO APFB)

Vandersí Sant'Anna CASTRO¹

- RESUMO: Com base em dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), o presente estudo procura mostrar que a harmonização vocálica – elevação ou fechamento das pretônicas /e/ e /o/ e > i; o > u) seguidas de uma tônica alta (/i/ ou /u/) – é atestada em toda a extensão da Bahia, e em índices significativos. Conseqüentemente, o contexto /___ tônica alta se revela um fator que desfavorece a abertura das pretônicas /e/ e /o/ (e > ε; o > ɔ), considerada por Sílvia Elia (1975) como um traço regional típico do Nordeste brasileiro.
- PALAVRAS-CHAVE: Harmonização vocálica; *Atlas prévio dos falares baianos*; dialectologia; fonologia.

Este trabalho se insere no âmbito de uma investigação mais ampla sobre a abertura das pretônicas na Bahia, com base em dados do *Atlas prévio dos falares baianos* (Rossi, 1963). O objetivo deste estudo mais restrito é verificar se o contexto /___ tônica alta desfavorece a abertura das pretônicas /e/ e /o/ (e > ε; o > ɔ). Ou seja, é verificar se a chamada “harmonização vocálica”, caracterizada pela elevação da pretônica nesse contexto (e > i; o > u), ocorre na Bahia e em que condições.

A primeira observação sobre esse fenômeno de harmonização vocálica é atribuída² a Sousa da Silveira (1964) que assim se expressou em relação à pronúncia do Rio de Janeiro:

“Nos verbos *esquecer* e *dever*, sempre que a vogal tônica é ê fechado ou a, o e antetônico se pronuncia ê

Sendo, porém, *i* a vogal tônica, o e antetônico soa *i*:

esqueci (= esquici)

devi (= divi)

esquecia (= esquicia)

devia (= divia)

esquecíamos (= esquiciamos)

devíamos (= divíamos)

No verbo *remeter* ... sendo *i* [a vogal tônica] soa *i* [a pretônica]: remeti (= rimiti), remetia (= rimitia)”³ (p.285)

1 Departamento de Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp – 13081-970 – Campinas – SP.

2 Serafim da Silva Neto, 1970, p.611, nota 47.

3 Os exemplos apontam, inclusive, uma harmonização sucessiva.

E ainda:

quando formamos com o sufixo -inho diminutivos de vocábulos cuja vogal tônica é *ô*, mantemos no diminutivo o som *ô*, isto é, não o ensurdecemos em *u*: de corpo, *cô*rpinho, de *fô*lha, *fô*lhinha. Mas se já não nos lembramos de que o vocábulo é morfologicamente um diminutivo, pronunciamos-lhe o *o* como *u*: *folhinha* (*u*) = calendário; *corpinho* (*u*) = peça de vestuário que se ajusta ao corpo. (p.281)

Sobre o mesmo fenômeno e ainda em referência ao "dialeto carioca", afirma Mattoso Câmara (1970):

No registro informal do dialeto carioca, as oposições ... entre /o/ /u/, de um lado, e, de outro lado entre /e/ e /i/ ficam prejudicadas pela tendência a harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica quando esta é átona [SIC] [alta]. Souza da Silveira, em termos fonéticos, tratou com acuidade do fenômeno (Silveira, 1939, p.355), chamando-o "harmonização vocálica". A rigor, diante de /i/ ou /u/ tônicos, /e/ e /o/ só aparecem com firmeza em vocábulos inusitados na linguagem coloquial e por isso não encontramos num registro informal, como *fremir*, e alguns outros. A distinção entre *comprido* "longo" e *cumprido* "executado" é, por exemplo, praticamente gráfica, pois a pronúncia corrente, por causa da harmonização no primeiro vocábulo, é nos dois vocábulos /kuNpri'du/. (p.34).

Serafim da Silva Neto (1970), ao retomar a questão, mencionando inclusive os dois autores acima citados, estende a referência para todo o Brasil, como se pode deduzir de suas palavras:

no Brasil, o e pretônico está sujeito a dois tipos de harmonização vocálica: *e-i > i-i* e *e-u > i-u*. Eis exemplos do primeiro: feliz filiz; pepino pipino; medida midida; menino minino; ferida firida; perigo pirigo; avenida avinida; bem-te-vi bem-ti-vi. E do segundo, na verdade menos freqüente: veludo viludo; seguro siguro; peludo piludo; mas, claramente *verdura*. (p.611)

E quanto ao *o* pretônico, Serafim da Silva Neto retoma as observações de Sousa da Silveira a respeito de *fulhinha* (= calendário) e *curpinho* (= "colete de senhora"), complementando:

Temos assim a fórmula *o-i > u-i*, de que podemos apresentar outros exemplos: ortiga > urtiga; cobiça > cubiça; moringa > muringa; focinho > fucinho; botina > butina; cortina > curtina; bonito > bunito.

Parece haver tendência, igualmente, para uma harmonização vocálica do tipo *o-u > u-u*: gordura > gurdura; fortuna > furtuna; cortume > curtume; corrupção > currupção.

Acreditamos em que a seqüência de um *i* ou de um *u* na sílaba seguinte seja uma condição fonética favorável, embora nem sempre válida: cf., por exemplo, mortificar, domínio. (p.611-2)

Sílvio Elia (1975), com base nas diversas fontes que utilizou para estudar a "Unidade e [a] diversidade fonética do português do Brasil", identifica a abertura das pretônicas como um traço regional do nordeste, e, referindo-se às regiões onde essa

abertura não ocorre (do Nordeste para o Sul)⁴ apresenta exemplos em que inclui, sem destacar, casos de harmonização em Goiás (citando Aparecido Teixeira), no Rio de Janeiro (conforme Antenor Nascentes), em São Paulo (segundo Amadeu Amaral) e no Rio Grande do Sul (citando Elpídio Paes). Mas, mesmo no nordeste, pode-se atestar a elevação da pretônica, como ocorre em "murrinha" e "muldura", casos que se incluem, sem destaque, entre os exemplos apresentados por Sílvio Elia (citando Mário Marroquim) como fuga à tendência de abertura da pretônica.

Mais recentemente, Leda Bisol (1988), com base em dados do projeto NURC, analisou a harmonização vocálica na fala culta de Porto Alegre, considerando fatores como a nasalização e consoantes vizinhas da pretônica (precedentes ou seguintes); acento e posição da vogal alta. A autora pôde concluir que:

- "a vogal assimiladora é a alta da sílaba imediatamente seguinte, independentemente de ser acentuada" (p.3);⁵
- a regra de harmonização vocálica "é uma regra variável que pode envolver articulações sucessivas (peregrino-peregrino-pirigrino)" (p.18-9);
- uma "conjugação de fatores positivos ... cria motivação maior" para o uso da regra, explicando-se a realização privilegiada de *curuja* (e não *coruja*) pela "ação combinada" da vogal alta e da consoante velar precedente (p.19);
- "diferentes fatores fazem parte da contextura da regra: a atonicidade permanente da vogal candidata; a nasalidade, um elemento que favorece a elevação de e e desfavorece a elevação de o; a consoante vizinha, que desempenha um papel diversificado: a alveolar tende a preservar e e o; a labial, a conduzir a modificação de o; a velar, o mais das vezes a ser um fator positivo, assim como a palatal da posição seguinte" (p.19).

Conforme a bibliografia mencionada, a harmonização vocálica já foi atestada em diversas regiões brasileiras e é mesmo tida, por alguns autores, como um traço geral do Brasil.⁶ Neste trabalho, o que se pretende é verificar, com base em dados do APFB, se ela ocorre na Bahia, e em que condições.

Nas cartas do APFB atestei a ocorrência de 29 vocábulos relevantes para a questão em estudo:⁷

4 Embora não disponha de dados da Bahia, Sílvio Elia acha provável que esse Estado também apresente a abertura da pretônica (p.192-3).

5 "/u/ se revelou um condicionador fraco de e" (p.3).

6 É o caso de Serafim da Silva Neto, conforme observei anteriormente (cf. p.3). Parece ser o caso de Leda Bisol, para quem as explicações para a prática ou não da harmonização vocálica "devem ser buscadas nos mecanismos que regem o sistema, por tratar-se de uma regra natural do português (*coruja - curuja, mentira - mintira*), cujas origens remontam ao Latim do século IV d.C." (op. cit., p.1). Mas não é o caso de Sílvio Elia, que não arrola a harmonização vocálica entre aqueles que considera como "traços fonéticos gerais" do Brasil (op. cit., p. 179-191).

7 Para melhor controle dos dados incluí na análise os seguintes casos:

- toitiço (c.56) em que o /o/ pretônico constitui ditongo com /i/;
- culla (c.105), sambuída (c.22), sirrilho (c.35), pulia (c.85), tutuga (c.51), cutuba (c.51), situba (c.51), vilide (c.94) (de velar?), de cuja etimologia não estou segura, ficando para mim a dúvida se houve elevação de pretônica ou se tais vocábulos já trazem originalmente uma pretônica alta em sua forma fonológica.

COM /i/ TÔNICA		COM /u/ TÔNICA	
Com pretônica /e/	Com pretônica /o/	Com pretônica /e/	Com pretônica /o/
neblina (c.12)	arco-iris (c.3) ⁸	escuma (c.17)	costura (c.74)
seringa (c.37)	rodicho (c.35)	legume (c.51)	botudo (c.76)
sentida (c.43)	móida (c.43)	peru (c.73)	coculo (c.76)
fedida (c.43)	cornicho (c.53)	seguro (c.105)	econômico (c.105)
espinha (c.91)	borquilha (c.80)	enxu (c.123)	
semítico (c.105)	movido (c.89)	sanguessuga (c.128)	
mesquinho (c.105)	sovina (c.105)		
mestiço (c.138)	roroinha (c.112)		
selim (c.144)	cochonilho (c.149)		
cabecinha (c.44)			

Analisados os dados das cartas, observaram-se os seguintes resultados, apresentados a seguir em quatro tabelas, mantendo-se o agrupamento dos vocábulos adotado no quadro acima.

Tabela 1 – Vocábulos com pretônica /e/ e tônica /i/

Vocábulo	Nº de localidades em que ocorre ⁹	Nº de localidades em que ocorre com pretônica alta ¹⁰	Nº de localidades em que ocorre com pretônica não-alta ¹¹
sentida ¹²	41	41 = 100 %	2 = 4,8 % ¹³
selim	34	33 = 97 %	3 = 8,8 %
neblina	27	27 = 100 %	9 = 33 %
espinha	19	19 = 100 %	-
semítico	4	4 = 100 %	-

8 Só foram considerados os casos em que o composto é realizado como um único vocábulo fonológico, em que se pode identificar sem ambigüidade a sílaba pretônica que precede a tônica com alta.

9 Na grande maioria dos casos, os vocábulos em estudo constituem variantes lexicais que não são atestadas em toda a Bahia.

10 Nas tabelas apresentadas, "pretônica alta" = [ī] e também [ē] ; [ū] e também [ũ], conforme o caso. Há casos em que a pretônica / e / se realiza como [I] ou [u] (Ex.: neblina), e em que / o / se realiza como [I] ou [u] (Ex.: cochonilho).

11 Nas tabelas, "pretônica não-alta" = [ē] ou [ε] ; [ō] ou [ɔ], conforme o caso.

12 No caso deste vocábulo, em duas localidades há a co-ocorrência de uma variante com pretônica alta e uma variante com pretônica não-alta (por isso a soma das porcentagens de distribuição das variantes resulta em mais de 100%). Este tipo de co-ocorrência se repete em outros casos nas Tabelas 1, 2 e 3, e evidentemente se reflete nos totais apresentados em cada uma dessas Tabelas.

13 Adotou-se o critério de só se registrar uma casa decimal nas porcentagens e apenas nos casos em que o décimo é igual ou superior a 5.

continuação

Vocábulo	Nº de localidades em que ocorre ⁹	Nº de localidades em que ocorre com pretônica alta ¹⁰	Nº de localidades em que ocorre com pretônica não-alta ¹¹
mesquinho	2	2 = 100 %	-
seringa	2	2 = 100 %	-
cabecinha	2	2 = 100 %	-
fedida	1	1 = 100 %	-
mestiço	1	1 = 100 %	-
Total	133	132 = 99 %	14 = 10,5 %

Tabela 2 - Vocábulo com pretônica / o / e tônica / i /

Vocábulo	Nº de localidades em que ocorre	Nº de localidades em que ocorre com pretônica alta	Nº de localidades em que ocorre com pretônica não-alta
sovina	32	32 = 100 %	-
cochonilho	23	20 = 86,9 %	3 = 13 %
borquilha	17	17 = 100 %	1 = 5,8 %
moída	13	13 = 100 %	-
arco-íris	6	6 = 100 %	-
rodicho	6	6 = 100 %	2 = 33 %
movido	5	3 = 60 %	2 = 40 %
coroinha	1	1 = 100 %	-
cornicho	1	1 = 100 %	-
Total	104	99 = 95 %	8 = 7,6 %

Tabela 3 - Vocábulo com pretônica / e / e tônica / u /

Vocábulo	Nº de localidades em que ocorre	Nº de localidades em que ocorre com pretônica alta	Nº de localidades em que ocorre com pretônica não-alta
enxu	43	42 = 97,6 %	3 = 6,9 %
sanguessuga	40	40 = 100 %	-
peru	17	17 = 100 %	-
seguro	9	9 = 100 %	-
legume	2	2 = 100 %	-
escuma	2	2 = 100 %	-
Total	113	112 = 99 %	3 = 2,6 %

Tabela 4 – Vocábulo com pretônica / o / e tônica / u /

Vocábulo	Nº de localidades em que ocorre	Nº de localidades em que ocorre com pretônica alta	Nº de localidades em que ocorre com pretônica não-alta
costura	22	22 = 100 %	-
botudo	1	1 = 100 %	-
coculo	1	-	1 = 100 %
econômico	1	1 = 100 %	-
Total	25	24 = 96 %	1 = 4 %

Os índices das tabelas indicam que:

1 A harmonização é uma tendência bastante notável na Bahia: por um lado, a elevação da pretônica é registrada em uma porcentagem muito alta das localidades que registram os vocábulos em questão (sempre mais que 95%, considerando-se o total de cada grupo de vocábulos), e por outro lado, o registro da pretônica não-alta se dá em uma taxa baixa das localidades (sempre menos que 10,5%), e, quase sempre, a realização com não-alta co-ocorre com a realização com alta.

Os casos que fogem um pouco a essa tendência, apresentando uma distribuição relativamente alta de pretônica não-alta, merecem um comentário:

a) A taxa de 100% de localidades com pretônica não-alta para *coculo* deve ser relativizada pela insuficiência de dados (o vocábulo ocorre em uma única localidade, uma única vez, não havendo pois a possibilidade de se registrarem outras realizações).

b) A taxa de 40% de pretônica não-alta para *movido* poderia ser justificada: as formas com / ɔ / tônico são as mais comuns na Bahia, ocorrendo inclusive nas localidades onde se registram as realizações paroxítonas com pretônica não-alta [mɔ'vidu]. Talvez seja a "memória" de tais formas com / ɔ / tônico que bloqueie a regra de harmonização. (Seria um processo semelhante ao que ocorre na derivação "*lento, len'tíssimo*, mas não **lin'tíssimo*", em que a "preservação do acento secundário ... intercepta a regra de harmonização vocálica" na forma derivada, conforme Leda Bisol (1988, p.15-6). Esse acento secundário na forma derivada reflete a memória do acento tônico da forma primitiva.

c) Quanto à taxa de 33% de localidades com a realização de / ε / em *neblina*, pode-se observar que:

- as realizações com / ε / coexistem sistematicamente com realizações com pretônica alta;
- presença do /n/ antes da pretônica pode ter favorecido a preservação da vogal média. Segundo Bisol (1988, p.9-10), a "alveolar, incluída a dental, ... cuja articulação

se faz com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente fique levantada, tenderia a não favorecer o processo [de elevação da pretônica], por não ter pontos de semelhança com a vogal assimiladora" [alta];¹⁴

- é ainda possível que haja atuação de um fator geográfico: as realizações com /ε/ ocorrem a leste do Estado, sobretudo na região próxima à capital. Pode ser que se trate de uma área em que a abertura da pretônica seja uma tendência mais notável em relação ao resto do Estado. Isso teria que ser verificado.

d) Quanto aos 33% relativos às realizações de *rodicho* com não-alta, posso observar que essas realizações coexistem com realizações com alta na pretônica; e que também aqui, o número de dados não é muito significativo.

2 A distinção anterior/posterior, quer se refira à vogal tônica, ou à pretônica, não parece ser relevante no processo de harmonização, visto que as tabelas, que isolam esse fator, apresentam índices bastante próximos, não acusando nenhuma relação importante.

A título de conclusão pode-se afirmar que, considerando-se os dados do APFB:

1 A elevação das pretônicas /e/ e /o/ quando seguidas de tônica alta é uma tendência bastante notável na Bahia:

- a) pelo percentual com que ocorre em relação a outras alternativas de realização;
- b) pela extensão geográfica que o fenômeno alcança.

No que diz respeito a (b), já observei anteriormente que os vocábulos relevantes para o estudo da harmonização vocálica, considerados de *per se*, não têm uma distribuição ampla na Bahia, por se tratar, na maioria dos casos de variantes lexicais (cf. nota 9). Todavia, considerando-se os vocábulos em estudo como um todo, constata-se que o fenômeno da harmonização vocálica é atestado em toda a Bahia, já que nenhuma localidade deixa de registrá-lo em relação a um ou outro vocábulo.

2 Em consequência da conclusão anterior, reconhece-se o contexto /__ tônica alta como um contexto que desfavorece a abertura das pretônicas /e/ e /o/ (e > ε; o > ɔ), verificação proposta como um objetivo para este trabalho.

¹⁴ Observe-se que a mesma explicação justificaria a realização com pretônica não-alta nos casos de *sentida* e *selim* (cf. Tabela 1).

CASTRO, V. S. Vocal harmonization in the Brazilian State of Bahia (Data from APFB). *Alfa (São Paulo)*, v.39, p.243-250, 1995.

- **ABSTRACT:** *Using data from the Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), this study attempts to show that vowel harmonization (rising of the pretonic vowels / e / and / o / (e i; o u) followed by a tonic syllable with a high vowel – / i / or / u /) is a significant phenomenon in the Portuguese language spoken in Bahia. Consequently, the lowering of pretonic / e / and / o / (e > ε; o > ɔ), which is considered a characteristic feature of Northeastern Brazil by Sílvia Elia (1975), is not favored in the context / __ tonic high vowel.*
- **KEYWORDS:** *Vowel harmonization; Atlas prévio dos falares baianos; dialectology; phonology.*

Referências bibliográficas

- 1 BISOL, L. A harmonização vocálica na fala culta (dados do projeto NURC). *DELTA*, v.4, n.1, p.1-20, 1988.
- 2 CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- 3 ELIA, S. Unidade e diversidade fonética do português do Brasil. In: *Ensaio de filologia e lingüística*. 2.ed. (Revista e ampliada). Rio de Janeiro: MEC, p.177-224. 1975, (1.ed. Acadêmica, 1963).
- 4 ROSSI, N. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- 5 SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. 2. ed. (Revista e ampliada) Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- 6 SILVEIRA, S. da. *Lições de português*. 7.ed. (Revista) Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1964. (1.ed. de 1923).